

CONFIGURAÇÕES DO ESTRANGEIRO NO TEXTO DE VASSILIS ALEXAKIS

CONFIGURATIONS OF THE FOREIGNER IN VASSILIS ALEXAKIS' TEXT

*Claudia Almeida*¹

RESUMO: No mundo contemporâneo, um certo “desejo de errância” (MAFFESOLI, 2006) encoraja a mobilidade de indivíduos ou de grupos e motiva o estabelecimento de novas relações sociais. Esses sujeitos deslocados e frequentemente desenraizados (TODOROV, 1999) expõem as diferenças entre os mesmos e os outros, provocando reformulações nos processos de construção identitária. A pluralidade torna-se, pois, uma realidade e levanta, amiúde, suspeitas em relação aos *bárbaros* (TODOROV, 2010). De fato, essas presenças do outro (LANDOWSKI, 2012) impõem a coexistência – não necessariamente pacífica – de modos de vida originários de outros lugares e a escolha de estratégias de admissão ou de rejeição. Esses indivíduos, por sua vez, posicionam-se nas sociedades que os *acolhem* entre os polos da assimilação ou da recusa. As fricções que resultam desses contatos produzem faíscas que apontam novos caminhos ou iniciam incêndios. Na obra de Vassilis Alexakis, a presença de estrangeiros é recorrente. Várias vezes narrador do texto, esse personagem deslocado ilustra e discute as diferenças e suas consequências, buscando exemplos nas sociedades francesa e grega. Neste texto, analisamos algumas configurações do estrangeiro e as negociações identitárias das quais participa.

PALAVRAS-CHAVE: Vassilis Alexakis; estrangeiro; desenraizamento; construção identitária.

ABSTRACT: *In the modern world, there is a certain “craving for wandering” (MAFFESOLI, 2001), which encourages the mobility of individuals or groups of individuals and drives the establishment of new social relations. These displaced and oftentimes uprooted people (TODOROV, 1999) reveal the differences between themselves and the others, leading to reformulations in the process of identity construction. Pluralism thus becomes a reality and often raises suspicion regarding the barbarians (TODOROV, 2010). The so-called presence of the other (LANDOWSKI, 2012), in effect, imposes the – not necessarily peaceful – coexistence of multiple lifestyles derived from different places and the choice for acceptance or rejection strategies. These individuals, in turn, are settled in societies that place them between the poles of assimilation and rejection. Frictions that arise from these interactions produce sparks of light that may either point toward new directions or burst into flames. In Vassilis Alexakis' work, the presence of foreigners is a recurring theme. This displaced character, frequently the narrator of the text, illustrates and discusses social differences and their outcomes, looking for concrete examples in French and Greek societies. This present text aims to analyze some configurations of the foreigners and the negotiations of identity in which they take part.*

KEYWORDS: *Vassilis Alexakis; foreigner; uprooting; identity construction.*

1 Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de Francês do Colégio Pedro II. cmp.almeida@yahoo.com.br

Quando se esteve tantas vezes desenraizado quanto eu, o problema das raízes torna-se uma questão de bolsas de viagem nas quais você transporta essas raízes.² (GARY, 2005, p. 301)

A (aparente) simplificação do sentimento de ser estrangeiro proposta por Romain Gary, em 1978, ao responder à pergunta “O senhor se sente ainda imigrante-emigrado?” (GARY, 2005, p. 301), parece não ter sido corroborada por escritores contemporâneos que apresentam personagens fortemente marcados por um sentimento de estrangeiridade. Da mesma forma, os grupos que os *acolhem* têm desenvolvido reflexões e reações que destacam o caráter problemático – não necessariamente no sentido negativo – dessa presença.

A discussão acerca do estrangeiro, a partir desses dois pontos de vista, vem se ampliando devido ao aumento da mobilidade de indivíduos e de grupos humanos. Os progressos tecnológicos que tornaram os meios de transporte cada vez mais eficientes e ampliaram o acesso a esses serviços, bem como as tecnologias da informação que garantem a instantaneidade da comunicação – especialmente das imagens – estimulam percursos transnacionais. Guerras e catástrofes climáticas também não podem ser esquecidas como fatores que contribuem para que grupos e/ou indivíduos tomem a decisão de mudar de país. Tzvetan Todorov, ele mesmo um exemplo de indivíduo deslocado, destaca que:

Uma das consequências dessa mutação é que as populações do planeta incrementaram as relações entre si: pelas palavras e pelas imagens, a familiaridade aumentou entre elas; os produtos padronizados circulam por toda a parte; e as próprias pessoas deslocam-se com uma frequência maior em relação ao que ocorria anteriormente. (TODOROV, 2010, p. 10-11)

O uso de produtos semelhantes e o conhecimento mútuo de hábitos podem atenuar diferenças e ampliar trocas. O deslocamento territorial e sua consequência imediata, o contato com os outros, seriam, então, elementos importantes para a construção de relações sociais baseadas em reconhecimento de diferenças e aceitação das mesmas, ou seja, o acolhimento por parte do grupo e a inserção do estrangeiro poderiam aproximar-se da simplificação que lemos na epígrafe. Contudo, em muitas situações, essa circulação de indivíduos desperta também reações adversas, que evidenciam as fricções resultantes dos contatos com a alteridade. As diferentes políticas de imigração que buscam conter o fluxo de entrada nos países ou então selecionar os indivíduos que podem integrar uma sociedade têm como base explícita, invariavelmente, o equilíbrio econômico. Discursos que objetivam justificar essas políticas, entretanto, evidenciam que a rejeição do outro também tem motivações menos aceitáveis, tais como origem étnica, cor da pele, gênero, entre outras.

2 Salvo indicação nas referências bibliográficas, as traduções foram feitas pela autora.

Essas questões vêm permeando o texto literário cada vez mais frequentemente. Alguns autores contemporâneos se interessam particularmente pela representação do estrangeiro e pela problematização dos discursos acerca desse personagem. Vassilis Alexakis (1943-), por exemplo, trata o assunto a partir de diversos ângulos, focalizando sempre a figura do estrangeiro e suas relações com a sociedade em que está inserido. Sua obra literária é bastante marcada por uma itinerância que reproduz, de certa forma, o ethos do próprio escritor. Nascido em Atenas, Alexakis se muda para a França para estudar jornalismo e, ao terminar o curso superior, retorna à Grécia. Logo depois, o país sofre uma intervenção militar e passa a ser governado pela Junta do Coronéis. Alexakis não era militante político, mas temeu que seus desenhos humorísticos o comprometessem. Parte, então, em 1967, novamente para a França onde se instala *definitivamente*. Sua carreira literária tem início em 1974, quando publica seu primeiro romance, *Le sandwich*, escrito diretamente em francês. Naquele ano, também, encerra-se o período da ditadura na Grécia e o escritor retorna a seu país, sem, no entanto, ali permanecer mais do que temporadas.

A língua francesa não será a única língua de escrita de Alexakis. Em 1997, publica *Talgo*, escrito em grego e traduzido para o francês pelo próprio autor. As idas e vindas nas duas línguas se tornam, então, uma constante, assim como entre os dois países, sobretudo num triângulo formado por Paris, Atenas e Tinos. Se os deslocamentos do escritor se concentram nos vértices desse triângulo, seus personagens se dividem entre esse mesmo espaço de movimentação e distâncias maiores.

Em alguns textos, a simples presença do estrangeiro provoca reações que demonstram a ilusão de homogeneidade – e, conseqüentemente, a tentativa de preservá-la – de uma determinada sociedade. Em outros, os contatos com o estrangeiro criam pontos de fricção que podem se transformar em lesões ou deixar cicatrizes em ambos os lados. Embora esses personagens apresentem peculiaridades dentro da economia do texto, observamos que os traços comuns se reúnem em três configurações principais: o estrangeiro recusado, o estrangeiro que se adapta e o indivíduo que é identificado como estrangeiro em seu país de origem. Nossa reflexão se concentrará, pois, nas relações estabelecidas com a alteridade no âmbito de cada uma dessas configurações.

O ESTRANGEIRO RECUSADO

A rejeição ao estrangeiro é visível sobretudo quando se trata de grupos. Os Roms, na França, os africanos que tentam chegar à Itália e, mais recentemente, os haitianos, no Brasil, são alguns exemplos amplamente divulgados na mídia. Nessas situações, a ideia que esses grupos poderiam perturbar a ordem pública ou ocupar

postos de trabalho dos nativos contribui fortemente para justificar essa rejeição, mas o estatuto de estrangeiro também é um componente importante nesse posicionamento.

Em 2014, o jornal *Le Monde* publicou uma reportagem sobre o crescimento do partido de direita britânico UKIP (*United Kingdom Independence Party*), na cidade de Manchester, nas intenções de votos para as eleições legislativas ocorridas em 13 de fevereiro daquele ano. A fala de um dos entrevistados, Peter, um jovem aposentado, não deixa dúvidas sobre o peso da origem estrangeira: “Mas, desta vez, vou votar UKIP. Não sou racista, mas ... somos muito numerosos aqui. Os romenos, vermes da Terra, chegam em bandos atualmente” (ALBERT, 2014).

Chegar sozinho ou com sua família não é, no entanto, um caminho certo para o estrangeiro escapar da rejeição. Em alguns países europeus, principalmente, os jornais publicam recorrentemente casos, muitas vezes extremos, que chegam à agressão física. Em um estudo recente do Cepremap (*Centre pour la recherche économique et ses applications*), instituto ligado ao Ministério da Pesquisa francês, dois economistas, Nicolas Jacquemet e Anthony Edo, enviaram cerca de 3000 *curricula vitae* absolutamente idênticos no conteúdo, diferenciando-se apenas pelos nomes fictícios que os assinavam: parte dos CV continham nomes de origem francesa – Pascal Leclerc ou Sandrine Rousset – e a outra parte era assinada por nomes de origem estrangeira – Rachid Benbalit, Aldegi Jatrix, Hadav Alissa ou Samira Benounis. O resultado demonstra a discriminação: “Pascal Leclerc foi chamado para o dobro de entrevistas de Rachid Benbalit. ‘O mercado de trabalho francês se caracteriza por uma forte discriminação baseada na origem’, concluem os dois economistas” (CHEMIN, 2013).

Vassilis Alexakis, ele mesmo estrangeiro, poderia ter experimentado essa rejeição, mas relata que isso não ocorreu. Isso não o impede, entretanto, de incluir a questão em seu texto. Vários narradores destacam – e contestam – discursos e comportamentos nos quais as dificuldades para aceitar a alteridade trazem marcas evidentes da recusa do estrangeiro.

Em *Avant* (2006a), os personagens estão em uma escuridão total sob um cemitério parisiense. Todos estão mortos, mas mantêm alguns sentidos, como o tato e a audição. Assim, eles formam uma sociedade marcada por convicções e hábitos que tinham antes e pelas *novidades* trazidas pelos que chegam de *fora*. Um dos diálogos entre esses mortos-vivos ilustra particularmente bem a problemática da rejeição ao estrangeiro:

– A ideia que era necessário se livrar dos estrangeiros se espalhava... Eu [Yannis] me sinto mais seguro aqui.

– Na minha época, eram os judeus que queríamos expulsar, disse Mazet. Os judeus e os italianos. Nós lhes atribuíamos as piores intenções... Sempre são nossos piores pensamentos que imputamos aos outros... (ALEXAKIS, 2006a, p. 173-174)

A trama de *Avant* se desenvolve nos anos 1990, durante o segundo mandato presidencial do socialista François Mitterrand. Yannis é grego e morava na França há vinte e cinco anos até ser atropelado na rua. O sentimento de segurança que ele experimenta nessa *nova* sociedade, depois da morte, revela as tensões que atravessam a França em relação aos estrangeiros. No texto, não há muitos detalhes sobre sua vida. O personagem chega ao cemitério no fim do romance, mas, ainda assim, podemos identificar claramente a recusa do estrangeiro. A réplica de Mazet, um outro morto-vivo, confirma essa ideia, pois ele destaca uma outra perseguição, décadas antes, aos judeus e italianos. Na verdade, o próprio personagem acrescenta a explicação: através do mecanismo de projeção, o outro é acusado de ter más intenções.

Se, por um lado, essa afirmação evidencia a arbitrariedade da imagem negativa de certos estrangeiros, por outro, acusa o reconhecimento de um *erro*: a atribuição de nossos maus sentimentos ao outro. Talvez esse *mea culpa* seja o resultado dos anos afastado da sociedade que compartilhava as ideias *italianófbas* e *judeófbas*. Talvez o tempo de reflexão – Mazet é um dos mais antigos na sociedade *post-mortem* – o tenha conduzido a essa confissão. Provavelmente, ambos, tempo e distância, contribuíram para essa conclusão, o que sugere que a recusa do estrangeiro é uma atitude principalmente coletiva, alimentada pela ideia de que um grupo é superior a outro.

Nesse romance, a sociedade que se forma sob um cemitério – cemitério *français*, é preciso não esquecer – poderia ser vista simbolicamente como uma representação da França, como declara o autor: “É isso mesmo, a França é o cemitério em que os estrangeiros são mal recebidos” (ALEXAKIS apud BESSY, 2011, p. 244).

Em outro texto, *Le Coeur de Marguerite* (1999), o narrador, um cineasta grego que inicia uma carreira de escritor, menciona um outro tipo de recusa do estrangeiro:

Fervorosos adoradores da Virgem, os ciganos vão em grande número a Tinos. Os autóctones os recebem com desconfiança, e até mesmo hostilidade, por uma razão que pode surpreender: eles acreditam de bom grado que os pregos que serviram para a crucificação do Cristo foram fabricados pelos ciganos! (ALEXAKIS, 1999, p. 207)

Nesse trecho, o ponto de exclamação salienta a surpresa do narrador diante da explicação para a rejeição desse grupo. A lenda que ele relata tem diversas variantes dentre as quais uma que destaca a compaixão: uma jovem cigana, por piedade, teria roubado um dos pregos destinados à crucificação, o que explicaria a utilização de

apenas três pregos (FUCÍKOVÁ, 2006, p. 14). A escolha de uma variante que apresenta os ciganos de forma negativa já indica um mecanismo de justificativa da rejeição.

A desconfiança em relação aos ciganos não é uma postura exclusiva dos gregos. Na verdade, de acordo com Henriette Asséo, um mal-entendido que diz respeito ao nomadismo dos Roms contribui para reforçar um clichê:

Mas as crises nacionais favorecem o crescimento do irracionalismo político, ampliando as frustrações recíprocas. Os clichês da velha psicologia dos povos retornam com força: o alemão seria “disciplinado”, o francês “chauvinista”, o grego “mediterrâneo” e o Rom “nômade”! Nômade? Há quatro séculos os Roms da Europa Central ou dos Bálcãs são... sedentários. (ASSEO, 2012)

Esse clichê lhes inflige uma dupla diferença, interpretada, na verdade, como uma dupla *imperfeição*: eles são estrangeiros e nômades. Em seu estudo sobre o nomadismo, Michel Maffesoli (2006) identifica uma “pulsão de errância” e ressalta que “o nomadismo contemporâneo fragiliza a identidade, estabelece comunhão com a natureza, reinventa um laço social ao mesmo tempo evanescente e mais intenso” (MAFFESOLI, 2006, p. 15, em itálico no original). Isso quer dizer que a errância presumida dos ciganos assustaria os sedentários devido a seu caráter essencialmente livre, sem laços e, conseqüentemente, sem comprometimentos.

No que diz respeito à Grécia, contudo, a recusa é irônica, pois, em várias línguas, a palavra *cigano*³ tem origem grega: *athingani*, grupos de populações que habitavam a Ásia Menor na época do Império Bizantino. Dessa palavra teriam derivado: *Tsigane* em francês, *Zigeuner* em alemão, *Zingari* em italiano (JANSSENS, 2013).

Em outro romance de Alexakis, *Le Premier mot*, a narradora reporta um diálogo no qual percebemos o desejo de superioridade de um povo – ou, pelo menos, a ilusão de primazia – e a incapacidade da ciência para convencê-lo da *verdade*:

– A senhora não ignora, espero eu, disse o embaixador sorrindo ironicamente, que o povo grego é o mais antigo do mundo. Ele sempre viveu na Grécia, alimentado por sua terra, e teve seu começo, há onze milhões de anos, como atesta a análise de uma tíbia descoberta na Calcídica, perto da gruta do homem de Petralona, que é, ele mesmo, muito mais antigo do que acredita a comunidade científica internacional. Foram, pois, os gregos que inventaram a primeira língua. Ela tem dois milhões de palavras e gerou o conjunto de línguas europeias. Nós não viemos da África, não temos nenhuma dívida com a Índia e a Pérsia e devemos nos proteger dos judeus que tentam se apropriar dos nossos títulos. [...]

– Há pouco, o senhor não estava falando sério? perguntou Zoé, estupefata.

3 Cigano é o termo utilizado por várias sociedades europeias para nomear os povos romani. Rom é o termo que com o qual esses povos se autodenominam.

– Eu expus alguns dos boatos que circulam na Grécia e que encontram uma vasta audiência graças à Internet. Muitas pessoas estão prontas para acreditar no que lhes convém. (ALEXAKIS, 2010, p. 385)

A cena desse trecho ocorre em um restaurante parisiense chamado *Le Métèque*.⁴ A narradora – grega –, sua sobrinha – francesa –, sua cunhada – grega – e amigos de seu irmão falecido – grego, residindo em Paris – se encontram e, entre outros assuntos, tratam daquele que mais interessa à narradora naquele momento, ou seja, a origem das línguas. O embaixador da Grécia na França faz uma apresentação fantasiosa, citando *provas* supostamente científicas que confirmariam a origem do povo e da língua gregos.

Os louros gregos não se limitariam, pois, à contribuição deixada às diversas culturas com as quais interagiram ou que se tornaram suas herdeiras. Na verdade, a Grécia ocuparia um lugar único, de uma ancestralidade imemorial e inteiramente independente de qualquer outra cultura que lhe seria naturalmente posterior. Como corolário dessa constatação, o povo grego não teria nenhuma *obrigação* em relação a nenhum outro povo e poderia, portanto, rejeitar quaisquer estrangeiros. Os exemplos citados explicitam a independência em relação aos povos africanos, aos indianos e aos persas, o que equivale a recusar a origem africana do *homo sapiens*, o berço da língua proto-indo-europeia nas estepes do Mar Negro ou na Anatólia e a influência das civilizações indiana e persa. Os judeus, povo também nomeado, ter-se-iam constituído posteriormente ao grego.

A reflexão do embaixador sobre a mitomania de seus compatriotas explica, de certa forma, a rejeição aos estrangeiros, observada com frequência na Grécia. Algumas consequências dessa recusa foram amplamente difundidas nos últimos cinco anos.⁵

Nesses exemplos, os personagens alexakianos explicitam os fundamentos para a rejeição dos estrangeiros. A surpresa que manifestam diante dessas explicações inicia um processo de questionamento e problematização da questão. A configuração do estrangeiro recusado tem papel relevante na construção textual, pois

4 *Métèque*, em francês, quer dizer meteco, estrangeiro domiciliado em um país. Em francês, pode ter um sentido pejorativo, de indivíduo estrangeiro com aparência exótica ou comportamento que não inspira confiança. Na pesquisa que fizemos na Internet, não encontramos nenhum restaurante em Paris com esse nome. Em se tratando de um nome fictício, a referência à canção *Le Métèque* de Georges Moustaki, cantor grego que se mudou para Paris e lá morou até sua morte, soa como uma homenagem.

5 Essa rejeição foi levada ao extremo em 2012, quando dezoito deputados do Aurora Dourada chegaram ao Parlamento. Esse partido neonazista, cujo presidente, Nikolaos Michaloliakos – cognominado o Pequeno Führer grego pela imprensa de seu país – foi preso, sob a acusação de assassinato do cantor de rap Pavlos Fyssas, é considerado uma “organização criminosa”. Em outubro de 2013, o Parlamento grego adotou, com o apoio de 235 dos 300 votantes, o texto que suspende a ajuda do Estado a esse partido.

a discussão sobre as negociações identitárias é um dos fios condutores de vários romances de Alexakis.

A recusa do estrangeiro é apresentada a partir do olhar do próprio recusado (Yannis), de quem o recusa (Mazet) ou de um observador próximo (o cineasta e o embaixador gregos). Outra importante configuração do estrangeiro na obra alexakiana, o estrangeiro adaptado, é construída do ponto de vista do próprio adaptado.

O ESTRANGEIRO ADAPTADO

Deixar o país natal – por escolha ou por imposição – e se instalar em outro lugar desperta sentimentos e provoca atitudes diversas entre os que experimentam essa situação. Entre os dois polos – a assimilação integral que *apaga* a origem e a refratariedade defensiva que reforça os traços originais –, podemos identificar uma gradação de posturas. Na obra de Alexakis, encontramos, principalmente, exemplos que se deslocam numa faixa de caminho com distâncias semelhantes dos dois extremos, com pequenas incursões em cada um dos lados.

Tzvetan Todorov, a partir de sua própria experiência, reflete sobre o processo de adaptação do estrangeiro:

O que é preciso crer [*sic*]⁶ e lamentar é a própria *desculturação*, degradação da cultura de origem; mas ela talvez seja compensada pela *aculturação*, aquisição progressiva de uma nova cultura, de que todos os seres humanos são capazes. [...] Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda (o latim tornou-se língua morta a partir do momento em que não pôde mais evoluir). O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua. (TODOROV, 1999, p. 24-25)

O pensador búlgaro não recusa, pois, o *desaparecimento* da cultura de origem, desde que uma outra ocupe esse espaço. Na verdade, a aculturação que ele descreve se aproxima bastante da assimilação. Que esta seja desejada conscientemente pelo imigrante ou que este se sinta forçado a aceitá-la, a assimilação não é um processo fácil e não tem sucesso garantido. Todorov afirma ter escolhido um outro caminho:

Tive que render-me [*sic*] à evidência: não seria jamais um francês, ao menos como os outros. [...] Meu estado atual não corresponde, então, à desculturação, nem mesmo à aculturação, talvez mais ao que possamos chamar de transculturação, a aquisição de

6 Há um equívoco de tradução que precisa ser assinalado. No texto original, o verbo utilizado é *craindre*, ou seja, temer e não *croire* (crer), que foi a tradução publicada.

um novo código sem que o antigo tenha se perdido. Desde então, vivo em um espaço singular, ao mesmo tempo por fora e por dentro:⁷ estrangeiro “na minha casa” (Sofia), em casa “no estrangeiro” (em Paris). (TODOROV, 1999, p. 25-26)

Éric Landowski, em um texto publicado no ano seguinte ao livro de Todorov, propõe uma análise mais ácida das tensões e resultados das tentativas de assimilação. Partindo do exemplo francês, o sociólogo destaca os projetos assimilacionistas da França, manifestos em discursos e práticas ambíguas. No que concerne às escolhas que fará o estrangeiro na tentativa de integrar-se perfeitamente ao grupo, Landowski apresenta um estudo de Zoossociossemiótica, no qual o camaleão é o animal cujo comportamento é comparado ao desse estrangeiro:

[...] caminhando mansamente sobre o eixo horizontal, o camaleão faz sua aparição nesse contexto – pode-se dizer, “em nossa casa” – com a inocência de um humilde viajante: ele chega *de longe* e traz visivelmente em si as marcas de seu exotismo; mas, já que não tem escolha, logo ele saberá adaptar seu aspecto às normas do meio ambiente de maneira a ser aceito nele do modo menos exigente em relação a outrem: fazendo-se passar despercebido. (LANDOWSKI, 2012, p. 40)

Ambos os pensadores destacam a impossibilidade de uma assimilação integral – de fato, isso implicaria quase uma metamorfose metafórica –, mas as saídas indicadas são propostas a partir de pontos de vista diferentes. Todorov, observando a si mesmo e, portanto, de dentro do processo, encontra um lugar entre as duas culturas, um “espaço singular” que garante ao estrangeiro uma junção dos componentes culturais da origem com os da nova cultura. Dessa forma, o apagamento de marcas identitárias é atenuado e a aquisição de novas marcas valorizada. Landowski, por outro lado, observa o processo de fora, sem estar diretamente implicado nele. Por esse ponto de vista, o pensador ressalta o apagamento dos traços da origem como única forma de ser realmente aceito. A conclusão aponta o desaparecimento do estrangeiro enquanto tal, mas a partir de uma estratégia de defesa que consiste, principalmente, em mudar (temporariamente) apenas a aparência.

As tensões advindas dessas soluções certamente são diferentes, mas, em ambos os casos, o estrangeiro segue um caminho de adaptação à nova cultura. Na obra de Alexakis, observamos exemplos que se aproximam mais da ideia de Todorov. Em seu relato autobiográfico, *Paris-Athènes*, percebemos a criação do espaço singular do pensador búlgaro:

Viajando assim de um país a outro, de uma língua a outra, acho que encontrei um certo equilíbrio. [...] Não poderia dizer que grau de parentesco existe entre as duas

7 Aqui, não se trata de equívoco de tradução, mas a escolha do tradutor talvez não seja suficientemente clara. A expressão original é “à la fois dehors et dedans”, que poderia ser traduzida por “ao mesmo tempo do lado de fora e de dentro”.

línguas. Pareceu-me, no entanto, que tinha encontrado tanto em uma como na outra as palavras que me convinham, um território que se parecia comigo, uma espécie de patriazinha bem pessoal. (ALEXAKIS, 1997, p. 15-17)

Essa “pátria pessoal”, de ordem sobretudo linguística, é descrita como o meio do caminho entre as duas culturas, um lugar de equilíbrio, que, na verdade, absolve o escritor de uma *traição* em relação à sua língua materna e de uma ingratidão em relação à língua que o acolheu e na qual se tornou escritor.

A ideia de traição se faz presente na obra alexakiana e será exorcizada (BESSY, 2011), principalmente a partir do romance *La langue maternelle* (2006b). A morte da mãe leva o narrador, Nicolaïdès, de volta a Atenas, desta vez, sem passagem de volta para Paris. A redescoberta da cidade, das marcas culturais e da língua cuja evolução não havia acompanhado deixa uma sensação meio amarga que o faz repensar seu processo de adaptação na França. A questão do retorno ou não a Paris é recorrente no texto:

“Só aspiro a me distrair, pensei eu. Reflito sobre o épsilon para me distrair.” Provavelmente, minha única ambição é reunir quarenta palavras para completar meu caderno. Graças às que peguei emprestadas de Plutarco, cheguei bravamente à página 11. Anotei, na página 8, o *se* interrogativo e a pergunta *ei apodèmein*, ou seja, é preciso se expatriar? Essa pergunta era frequentemente feita à Pítia. Eu a incluí porque ela me preocupou bastante, em um verão, há vinte e quatro anos. Talvez ela ainda venha a me atormentar um dia. Não sei se retornarei à França. Pode ser que minha vida lá tenha sido encerrada, que eu atravessasse um desses períodos destacados por Plutarco nos quais nós nos sucedemos à nós mesmos. (ALEXAKIS, 2006b, p. 155)

Esse retorno à Grécia é, de certa forma, uma tentativa de fazer as pazes com marcas identitárias que o desenhista Nicolaïdès havia deixado esmaecer, usando cores pálidas e traços fugazes, em sua vida de *parisiense*, num movimento que lembra o do camaleão. A resposta que ele vislumbra para a questão que o angustia é uma nova mudança, outra ruptura, desta vez com a sociedade que o acolhera. Essa resposta, contudo, não é uma solução para a *real* questão da adaptação sem *traição*: retornar à Grécia e tentar ser novamente grego é, de certa forma, admitir a impossibilidade da transculturação sugerida por Todorov: o camaleão retornando à sua *verdadeira* aparência.

A ideia de traição também é forte em outro romance, *Les Mots étrangers*. Nicolaïdès (o mesmo nome, mas não o mesmo narrador) é um escritor grego que vive na França e decide aprender o sango, língua da República Centro-Africana, logo após a morte do pai. Em determinado momento, ele declara:

Marcel teria chegado à França no mesmo ano que eu? Ele nunca tinha traído sua língua materna. Mas, pode-se considerar a passagem a uma nova cultura como uma

homenagem feita ao espírito de abertura da cultura de origem. Eu nunca me teria adaptado tão bem ao francês se minha língua materna tivesse menos disposição para o diálogo. (ALEXAKIS, 2002, p. 139)

Ao afirmar que Marcel, o centroafricano que mora na França e vai ensinar o sango ao narrador, não tinha traído sua língua materna, o narrador deixa entrever seu sentimento de ter feito isso em relação à sua, à língua grega. Essa traição, que diz respeito à escolha do francês como língua de escrita, poderia ser uma prova da assimilação do escritor à cultura francesa. Entretanto, a ideia de passagem como uma homenagem à cultura original pressupõe uma integração que não exige renúncias. Na verdade, a adaptação destaca particularidades desse estrangeiro: os traços da cultura original são componentes da identidade de Nicolaïdès e contribuem para diferenciá-lo dos franceses. Essa postura não corresponde à do camaleão descrito por Landowski, mas se coaduna com a transculturação de Todorov.

A ideia de traição é uma das facetas de uma reflexão mais profunda cujo contraponto é uma percepção oposta: a ingratidão com a língua na qual se tornou escritor e, por extensão, com a sociedade que o recebeu também com esse estatuto. Em *Je t'oublierai tous les jours*, o narrador anônimo que *conversa* com a mãe falecida, recordando momentos de sua vida, confessa:

Ao me traduzir de uma para a outra, constato que elas se entendem muito bem entre elas. Esse diálogo é propício aos meus projetos literários como o seria, mais tarde, a descoberta do sango. O grego não é mais simplesmente a língua de minhas lembranças, mas também a de uma memória infinitamente mais antiga do que a minha. Meus laços com a França permanecem, entretanto, indefectíveis. [...] A palavra literatura é mais familiar para mim em francês do que em grego. É em francês, então, que escreverei meus próximos livros, *Contrôle d'identité* e até mesmo o relato autobiográfico *Paris-Athènes*. [...] Desejo compartilhar meu futuro entre os dois países que já compartilham meu passado. (ALEXAKIS, 2005, p. 124-125)

O abandono da língua francesa e, metonimicamente, o da França, em prol da língua de origem, é considerado inexequível. De fato, sua constituição como escritor é inseparável do francês e do país no qual essa escolha foi feita. Assim, ele insiste no espaço de interseção entre as duas culturas como único território habitável. A adaptação desse estrangeiro se faz, pois, por uma transculturação que busca garantir importância igual às marcas identitárias resultantes da integração à cultura estrangeira e aos traços preservados da cultura original.

Vassilis Alexakis, assim como Todorov, reconhece ter sido tentado pela assimilação e também ter percebido sua impossibilidade:

Não sou mais obcecado com os erros em francês. Quero assumi-los como assumo meu sotaque. Na época em que procurava trabalho em Paris, eu imitava bastante bem o

sotaque francês, de modo que nem sempre dava para adivinhar que eu era estrangeiro. Mais tarde, desaprovei meu mimetismo e não tentei mais disfarçar minhas dificuldades de pronúncia, [...] Não chego ao ponto de cometer erros de propósito: ainda cometo vários, involuntariamente. Mas eles não me incomodam mais. Considero que conheço suficientemente bem a língua francesa para ter o direito de me enganar! (ALEXAKIS, 1997, p. 104)

O direito de cometer erros é reivindicado também por Nancy Huston, estrangeira como Alexakis e Todorov: “é mais fácil para mim, estrangeira, do que para eles, autóctones, transgredir as normas e as expectativas da língua francesa” (HUSTON, 1999, p. 47). De fato, esse direito confirma um não pertencimento que, por sua vez, ratifica o duplo pertencimento do escritor. Os erros que “não incomodam mais” são, de certa forma, um *laissez-passer*: o estrangeiro pode circular nesse território linguístico sem precisar pedir a naturalização, sem ser assimilado.

O estrangeiro adaptado passeia, pois, *naturalmente*, no sentido que ele não procura nem se confundir com os nativos na trajetória do camaleão nem se destacar ostensivamente (o que Landowski ilustra com o percurso do urso). Conhecedor da cultura local e portador de marcas particulares, ele cria um caminho entre os dois polos, a pátria pessoal de que fala Alexakis.

O ESTRANGEIRO EM SUA CASA

O indivíduo que vive por muito tempo em um país diferente daquele em que nasceu e cresceu entra em contato com a diferença e com a alteridade e, como consequência, tende a desenvolver uma visão plural do mundo. Isso significa que ele vê a sociedade que o recebeu com os olhos de alguém que a ela pertence – ainda que parcial e/ou temporariamente – e também com os olhos de um estrangeiro. O mesmo olhar duplo é lançado sobre seu país natal: ele o analisa como alguém que pertence a esse território, mas com olhos que percebem um quadro diferente daquele que é visto pelos que nunca deixaram suas fronteiras. Esse olhar de longe ainda é marcado por uma outra *world view*, elaborada pela influência da sociedade que o recebeu.

Esse olhar duplo pode ser um trunfo para a compreensão dos fatos. Salman Rushdie, que viveu a experiência da emigração e do refúgio em mais de um país, propõe: “Viver uma forma qualquer de emigração é aprender que é importante tolerar o ponto de vista dos outros. Quase se poderia dizer a emigração deveria ser o treinamento essencial de todos aqueles que se apresentam como democratas” (RUSHDIE, 1993, p. 309). A experiência de viver e conviver em lugares e sociedades diferentes pode tornar mais fácil a aceitação da diferença sem passar pela etapa da hostilidade.

Todavia, esse mesmo olhar duplo também pode ser visto como uma ruptura dos laços de pertencimento originais e, nesse caso, quem emigrou corre o risco de ser visto como estrangeiro em seu próprio país, corre o risco de não ser reconhecido pelos *seus* como um *deles*.

Na obra de Alexakis, essa representação do estrangeiro é particularmente presente em *La Langue maternelle*. Nicolaïdès, desenhista grego que morou em Paris por muito tempo e retornou a Atenas para acompanhar os últimos momentos de vida de sua mãe, tem esse olhar duplo em relação a questões cruciais para seus compatriotas. Em uma discussão com Vaguélio, sua namorada, sobre o reconhecimento do Estado da Macedônia com este nome,⁸ podemos observar uma visão essencialmente grega exposta por alguém que não sofreu a influência de ideias estrangeiras:

– Você não consegue compreender porque você não vive aqui, me disse ela. Você não se importa que uma guerra estoure, não é? Você tem a nacionalidade francesa, não é mesmo? [...]

Não podemos permitir que eles se apropriem de nossa história. Eles se mudaram para essa região outro dia! São turistas! O que eles têm a ver com Alexandre o Grande? Se nós os reconhecermos como macedônios, nós abrimos as portas da Macedônia grega!

– Somos nós que achamos que há uma única Macedônia, não eles! (ALEXAKIS, 2006b, p. 54-55)

A postura de Vaguélio não poderia ser mais clara: ela ficou na Grécia, logo, acredita compreender melhor as questões gregas do que Pavlos Nicolaïdès, que tinha deixado o país. Mais ainda, ela o *acusa* de não se interessar realmente pelo futuro da Grécia, pois poderia, a qualquer momento, partir e se sentir em casa em outro país. No fundo, a disputa se faz em torno de uma questão de *direito*: o emigrado que retorna a seu país natal sempre terá os mesmos *direitos* que os que ficaram? Pavlos acha que é tão grego quanto os que nunca saíram dali: ele se inclui no discurso corrente dos patrícios sobre a Macedônia, mesmo sem compartilhá-lo. Na verdade, sentindo-se integralmente grego, ele assume esse discurso para contestá-lo com uma voz grega.

8 No que diz respeito à discordância em relação ao nome Macedônia, Yves Plasseraud (2013), especialista no estatuto das minorias na Europa Mediana, esclarece: “[...] a situação da República da Macedônia, pequeno Estado balcânico, é atualmente bastante atípica. Em primeiro lugar, o próprio nome desse Estado balcânico independente, nascido em 1991 da desagregação da Iugoslávia a exemplo das repúblicas ricas do oeste do país, ainda não está plenamente reconhecido pela comunidade internacional, começando pela Grécia. A posição intransigente tomada por Atenas em relação aos símbolos de Estado (bandeira, denominação) da nova república – ligados à história antiga da Macedônia – teve como resultado principal que a república da Escócia aparece ainda hoje em fóruns intergovernamentais com o estranho acrônimo *Former Yugoslavian Republic of Macedonia* (FYROM)”.

Pavlos constatará claramente a discordância que o separa de seus conterrâneos em várias outras situações, como, por exemplo, em sua visita a Delfos. No momento de pagar o ingresso, a atendente do museu lhe diz que a entrada é franqueada para os gregos. Surpreso e irritado, ele insiste que quer pagar e acrescenta que os autóctones deveriam pagar mais do que os turistas, pois são os responsáveis pela deterioração dos sítios. Ele pede então “um ingresso do tipo que você vende para os estrangeiros” (ALEXAKIS, 2006b, p. 308). A atendente lhe vende o ingresso e ele entra, seguido pelos gregos que aguardavam na fila o fim do imbróglio. Um senhor de idade começa um diálogo com ele:

– É normal que não paguemos, pois essas coisas fazem parte do nosso patrimônio, disse o velhinho.

Ele olhou para o segurança.

– O senhor acabou de usar a palavra “herança”. Não se paga para ver sua herança! As estátuas são as obras de nossos ancestrais, elas nos pertencem. [...]

– Admito que elas nos pertencem, se o senhor entende que isso significa que temos deveres maiores em relação a elas, lhe disse eu em tom amável. Mas eu me recuso a ver nas efígies antigas retratos de família, não me reconheço nelas... [...]

– Em resumo, o senhor vê os vestígios como se fosse um estrangeiro? Disse ele com voz rouca.

– Sim... Como um estrangeiro que tem a vantagem de reconhecer determinadas palavras nas inscrições. Aliás, prefiro olhá-las sem as ideias preconcebidas do herdeiro ou do proprietário. Reivindico a liberdade de achá-las execráveis! [...]

Ouvi uma mulher murmurar:

– Se todos pensassem como ele, há muito tempo já teríamos cedido nossa Macedônia aos eslavos! (ALEXAKIS, 2006b, p. 308-309)

Se, no primeiro exemplo, Pavlos tentava se mostrar integralmente grego, neste ele aceita ser tratado como um estrangeiro – na verdade, ele quer isso. A decisão de pagar por uma entrada gratuita para os gregos só pode ser cumprida se ele passar, pelo menos temporariamente, para o *lado* dos estrangeiros. Dentro do museu, na conversa que transcorre amigavelmente com o compatriota, ele tenta explicar seu ponto de vista, destacando os deveres dos gregos em relação às obras de arte, aquelas que constituem seu passado. Quando ele nega se reconhecer nas efígies do passado, ele quebra laços de que os gregos se orgulham. E não é o único. Em *Le cœur de Marguerite*, o narrador declara:

Recentemente, alguém disse na televisão que o sangue dos antigos gregos corre em nossas veias. Não foi a primeira vez que ouvi isso. É um dos dogmas da nossa educação. Fico consternado com a exaltação provinciana que nos toma quando falamos de nossos ancestrais. Tentamos convencer a nós mesmos que continuamos a ser um povo de exceção. (ALEXAKIS, 1999, p. 252)

Assim como Pavlos, esse narrador também tinha vivido bastante tempo na França, o que certamente contribuiu para a identificação de uma “exaltação provinciana” no orgulho grego em relação aos fundadores. Essa experiência estrangeira os levou a incorporar em seus respectivos olhares certos ângulos focalizados pelos estrangeiros e descartados pelos nativos. Se a riqueza e a importância da cultura helênica não são questionadas no Ocidente, não se reconhece, no entanto, na cultura grega contemporânea, o mesmo brilho. O que os dois gregos que retornam à Grécia, Pavlos e o narrador anônimo de *Le cœur de Marguerite*, discernem no discurso de seus compatriotas, e que os irrita, é um apego excessivo ao esplendor passado do país, que os que permaneceram no solo pátrio mitificam e acreditam permanente, inclusive na atualidade. É justamente isso que afirma Pavlos quando declara que há “ideias preconcebidas do herdeiro ou do proprietário” no olhar dos gregos sobre as obras antigas.

A clarividência que demonstram esses narradores é fortemente marcada pela pluralidade de *world views* às quais foram expostos e que lhes permitem ver sua própria cultura com um distanciamento de olhar. Entretanto, essa visão plural, que incorpora uma certa alteridade, inspira uma recusa baseada na incompreensão ou no orgulho próprio. A simplificação radical e equivocada da última frase que citamos no trecho de *La langue maternelle* – “Se todos pensassem como ele, há muito tempo já teríamos cedido nossa Macedônia aos eslavos!” – confirma a dificuldade manifesta por um grupo em tentar entender o ponto de vista do outro. Landowski explica:

[...] face a uma identidade de referência concebida como perfeitamente homogênea e colocada como que devendo ficar imutável, a alteridade só pode ser pensada, como uma diferença vinda de *alhures*, e que assume, por natureza, a forma de uma *ameaça*. (LANDOWSKI, 2012, p. 10)

As marcas da alteridade que traz o emigrado ao retornar, podem ser vistas como ameaças que levam à rejeição, pelo menos parcial, de sua identidade original. Voltar e não compartilhar plenamente ideias e sentimentos do grupo o aproxima do outro que esse grupo recusa. Assim, o emigrado que retorna é visto como outro e, ainda que se sinta parte desse grupo, não deixa de perceber sua própria diferença. Ser estrangeiro em casa pode não ser confortável, mas os personagens alexakianos que se encontram nessa condição não buscam resgatar a semelhança; parecem preferir se manter na diferença que lhes permite olhar mesmos e outros sem expectativas categóricas de demarcação.

Os personagens deslocados de Vassilis Alexakis expõem as marcas resultantes das fricções com a alteridade. Na chegada a um novo local, na tentativa de adaptação ou no retorno à terra de origem, esses contatos são problematizados e se tornam elementos importantes da tessitura do texto. A recorrência desse procedimento atesta a importância que lhe atribui o autor, ele mesmo um exemplo de deslocado.

Assim, a obra de Alexakis participa das discussões de reconstruções identitárias, bastante presentes na contemporaneidade. As tentativas de reconstrução de identidades se tornaram um tema forte, sobretudo após as modificações geopolíticas iniciadas com a queda do Muro de Berlim. Revolta, tempo perdido a ser resgatado, retorno aos *velhos tempos* são sensações que se misturam a desejos de circulação em mundos desconhecidos, contatos com grupos desses mundos e participação nas propostas de globalização.

Em muitos aspectos, as configurações do estrangeiro no texto alexakiano privilegiam tentativas de reconstrução identitária. O indivíduo que emigrou busca resgatar laços e marcas que lhe permitam manter a identidade original. A rejeição sofrida no espaço de emigração aponta negativamente essas características, mas o esforço de adaptação as mascara. O retorno à terra mãe expõe de modo irrefutável as modificações e as *perdas* do emigrado. Esses personagens buscam um ponto de equilíbrio que lhes garanta os *ganhos* advindos das várias identidades sem, contudo, perderem de vista a primeira delas. Mais até: sem deixarem de ser reconhecidos nessa identidade pelos *seus*.

Esses personagens não se contentam, pois, em colocar raízes em bolsas de viagem e prosseguirem com os deslocamentos. Diferentemente do que afirma Romain Gary, não se acostumam com o desenraizamento sem problematizá-lo, não o adotam como *definitivo*. Entre as “identidades que flutam” e o “sonho de pertencimento” (BAUMAN, 2005), esses personagens se deslocam em percursos que alternam paradas e estadias, em idas e vindas que restauram pontos de referência e anunciam descobertas em trajetos que se tornam usuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, Eric. A Manchester, l'UKIP profite du rejet des politiques et de l'immigration. In: *Le Monde*, 12/02/2014. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/europeennes-2014/article/2014/02/12/a-manchester-l-ukip-profite-du-rejet-des-politiques-et-de-l-immigration_4364932_4350146.html>. Acesso em: 20/03/2014.
- ALEXAKIS, Vassilis. *Paris-Athènes*. Paris: Gallimard, 1997.
- _____. *Le cœur de Marguerite*. Paris: Stock, 1999.
- _____. *Les mots étrangers*. Paris: Gallimard, 2002.
- _____. *Je t'oublierai tous les jours*. Paris: Stock, 2005.
- _____. *Avant*. Paris: Stock, 2006a [Seuil 1992].
- _____. *La langue maternelle*. Paris: Stock, 2006 [Arthème Fayard, 1995].
- _____. *Le premier mot*. Paris: Stock, 2010.
- ASSEO, Henriette. *L'identité tsigane*, 2001. Disponível em: <<http://barthes.ens.fr/cli/revues/AHI/articles/preprints/asseo.html>>. Acesso em: 15/01/14.

- _____. Non, les Tsiganes ne sont pas de nomades. *Le Monde Diplomatique*, octobre 2012. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2012/10/ASSEO/48249>>. Acesso em: 15/01/2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BESSY, Marianne. *Vassilis Alexakis. Exorciser l'exil*. Amsterdam/New York: Editions Rodopi, 2011.
- CHEMIN, ANNE. Les nouveaux habits du racisme. *Le Monde*, 12/12/2013. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/societe/article/2013/12/12/les-nouveaux-habits-du-racisme_4333530_3224.html>. Acesso em 20/03/2014.
- FUCÍKOVÁ, Milena. Les images des tsiganes dans la littérature française du 19e siècle. Les origines de la naissance d'un mythe. *Etudes tsiganes*. Paris: 1^{er} trimestre 2006. Disponível em: <<http://www.etudestsiganes.asso.fr/tablesrevue/PDFs/vol%2025%20Images%20et%20actualit%E9.pdf>>. Acesso em: 15/01/2014.
- GARY, ROMAIN. *L'affaire Homme*. Dir. HANGOUËT, Jean-François & AUDI, Paul. Paris: Gallimard, 2005. (Coll. Folio)
- HUSTON, Nancy. *Nord perdu* (suivi de Douze France). Arles/Montréal: Actes Sud/Leméac, 1999.
- JANSSENS, Baudouin. Les Roms: une actualité de cinq siècles. 15/10/2013. Disponível em: <<http://www.amnestyinternational.be/doc/s-informer/notre-magazine-le-fil/le-fil-en-ligne/le-fil-22-septembre-octobre-2013/article/les-roms-une-actualite-de-cinq>>. Acesso em: 23/03/2014.
- LANDOWSKI, Éric. *Presenças do outro*. Ensaios de sociosemiótica. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. *Du Nomadisme*. Vagabondages initiatiques. Paris: La Table ronde, 2006.
- PLASSERAUD, Yves. Géopolitique de la Macédoine. *Diploweb.com*. la revue géopolitique. 20 février 2013. Disponível em: <<http://www.diploweb.com/Geopolitique-de-la-Macedoine-ARYM.html#nb5>>. Acesso em: 21/01/2014.
- RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires*. Trad. Aline Chatelin. Paris: Christian Bourgois, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. *O medo dos bárbaros*. Para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

Recebido em 27.05.2015

Aceito em 30.11.2015